



## TERRITÓRIO E TRABALHO DOCENTE: UM ENTRELAÇAMENTO DOTADO DE RELAÇÕES SOCIAIS

**CAMILA TATIANE SILVEIRA ALVES<sup>1</sup>; LÍGIA CARDOSO CARLOS<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – alvescamila1998@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – li.gi.c@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é oriundo de uma dissertação de mestrado em fase inicial vinculada à linha de pesquisa Educação Geográfica, Ensino de Geografia e Formação de Professores do PPGeo/UFPel. A pesquisa, que possui como recorte espacial o município de Canguçu/RS, busca analisar como as particularidades territoriais influenciam na distribuição docente por escola, considerando as áreas de formação inicial e de atuação dos educadores.

Para o estudo delimitou-se o recorte temporal referente aos anos letivos concluídos mais recentemente, ou seja, 2019 e 2020. A análise abarcará ao todo oito componentes curriculares do Ensino Fundamental II (etapa que compreende do 6º ao 9º ano), a saber: português, matemática, história, geografia, ciências, língua estrangeira, artes e educação física.

Pretende-se que, com o estudo, se tenha o mapeamento da área de formação e de atuação dos docentes em toda a rede municipal na etapa de escolarização indicada. Este estudo advém da percepção e preocupação com a falta de compatibilidade, em alguns casos, entre a formação e o exercício da docência, isto é, com a atuação sem a adequada habilitação. Nesse sentido, o território para este estudo é de extrema importância, pois permite que se analise os dados considerando características territoriais do município e, consequentemente, algumas relações sociais que podem vir a contribuir para a organização da rede de ensino.

Ao elencar o território como categoria de análise do estudo busca-se observar o comportamento dessa distribuição por localização das escolas, mas também permite que se observe o panorama geral do município. Sendo assim, através dessas duas etapas poderá ser verificado se existe variações na distribuição docente devido a influência das particularidades territoriais, por exemplo, entre as escolas urbanas e as rurais. Trata-se, portanto, de um estudo que considera o território como um elemento correlato à docência e à educação. Nesse sentido, comprehende-se que:

[A] criação de um território por grupos em conjunto implica sempre uma organização das suas relações sociais que podem estar vinculadas tanto aos aspectos materiais, fixos no território, quanto aos simbólicos, que na maioria das vezes permeiam os espaços fixos (SILVA, 2009, p. 114).

Considerando tanto os aspectos físicos quanto os sociais, temos uma pesquisa de caráter sócio-espacial que, como SOUZA (2020, p. 16) caracteriza, "o 'sócio', longe de apenas qualificar o 'espacial', é, para além de uma redução do adjetivo 'social', um indicativo de que se está falando, direta e plenamente, também das relações sociais". Por essa perspectiva, fica evidente que ao utilizar o território no estudo, incorpora-se uma análise qualitativa dos dados a serem coletados.



## 2. METODOLOGIA

A partir do exposto, consideramos de total importância apontar ao leitor as relações que o exercício docente tem com o território. Por isso, neste texto é apresentada aspectos da revisão de literatura sobre o conceito de território, buscando realizar as associações deste com o trabalho docente.

Além disso, revisitado o conceito supracitado torna-se relevante por ser amplamente utilizado e debatido, especialmente na Geografia, mas que não ficou estático ao decorrer do tempo e que até hoje desperta muitas discussões na busca por sua definição. Pretende-se nesse espaço, não nos limitarmos a definições, mas sim dialogar com as visões que julgamos mais corroborarem para a pesquisa em andamento.

Para essa produção, elencamos como principais referenciais teóricos, autores como Milton Santos (1999), Marcos Aurelio Saquet (2007), Turra-Neto (2015) e Marcelo Lopes de Souza (2020).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Saquet (2007, p. 71), “o território significa identidade, entendida como produto de interações recíprocas, de territorialidades, no âmbito das relações que acontecem entre a sociedade e a natureza”. Quando entendemos que o território e o trabalho docente configuram um entrelaçamento dotado de relações sociais é porque existe a troca constante dos sujeitos com seus pares, com os outros e destes com o próprio território. Esse pensamento encontra fundamentação em Turra-Neto (2015, p. 56), pois:

Território seria um tipo particular de ação, que articula a materialidade e sujeitos sociais em relação, tanto com esta materialidade, quanto entre si e com os outros. Território existe porque existe coexistência da diversidade num mesmo lugar, o que demanda negociação, diálogos, conflitos, forçando os diferentes grupos a se relacionarem com os outros pela demarcação de pedaços com sua identidade e, a partir destes estabelecer uma relação com a alteridade.

Marcelo Lopes de Souza (2020, p. 241), indica que essas relações sociais estabelecidas dialogam constantemente com o conceito de prática espacial. Para o autor,

Todas as práticas espaciais, repito, são sociais. Práticas espaciais são práticas sociais em que a espacialidade (a organização espacial, a territorialidade, a “lugaridade”...) é um componente nítido e destacado da *forma de organização*, do *meio de expressão* e/ou dos *objetivos a serem alcançados*. Toda prática espacial, assim como, mais amplamente, toda prática social, é uma ação (ou um conjunto estruturado de ações) inscrita nos marcos de relações sociais. Por isso é importante articular o conceito de prática espacial com os de *relação social* e *ação social*.

Por esse viés, podemos observar que desde a distribuição dos docentes até a inserção destes na comunidade escolar está impregnada de relações sociais, além de despertar nos indivíduos o sentimento de pertencimento com o seu local de trabalho que para muitos docentes torna-se o seu segundo lar. Esse sentimento de pertencimento é visualizado na obra de Milton Santos (1999, p. 8) ao refletir que o território,

[...] não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Dessa forma, ao incorporarmos o território na pesquisa em desenvolvimento não nos limitamos somente ao aspecto da materialidade que ainda é muito atribuída a esse conceito. Ao contrário, buscamos observar em todos os seus aspectos, uma vez que:

No território, há temporalidades e territorialidades, des-continuidades; múltiplas variáveis, determinações e relações recíprocas e unidade. É espaço de vida, objetiva e subjetivamente; significa chão, formas espaciais, relações sociais, natureza exterior ao homem; *obras e conteúdos*. É produto e condição de ações históricas e multiescalares, com desigualdades, diferenças, ritmos e identidade(s). O território é processual e relacional, (i)material (SAQUET, 2007, p. 73).

Ao analisarmos a distribuição dos professores por escolas talvez seja possível identificar alguns movimentos que possam estar associados com os aspectos materiais, mas que ao decorrer do tempo tornam-se ações históricas que refletem também algumas disputas e constantes relações sociais pelo território em interesse.

Turra-Neto (2015, p. 56) frisa que as ações que constituem território são aquelas em que,

[...] a formação de espaço abrange certa materialidade em que se deve marcar e demarcar a diferença em relação a outros, negociar e impor sua presença e visibilidade em meio a formações espaciais outras, ou em meio a formação espacial hegemônica, que tenderia a apagar ou invisibilizar sua presença em relação, num certo lugar, onde se realiza um encontro negociado. Ou seja, aquelas ações para as quais a materialidade do espaço é um recurso para afirmação social, política, para expressão e realização da alteridade, dos seus desejos, pulsões, encontros, em que a apropriação de uma área (de forma efêmera ou permanente) joga um papel crucial nas interações sociais com os outros e que permite ao grupo afirmar-se.

Com isso, espera-se que o leitor tenha compreendido o papel crucial que o território enquanto uma categoria de análise vai desempenhar no estudo, uma vez que ele consegue permear por todos os seus aspectos apresentados ao decorrer dessa revisão bibliográfica.

#### 4. CONCLUSÕES

Pode-se perceber que os conceitos de território, relações sociais, práticas espaciais e identidade conseguem dialogar de forma harmônica e profícua com o trabalho docente, embora essa temática ainda não seja tão explorada na literatura. Conseguiu-se mostrar que o território, na perspectiva do estudo proposto, advém do constante conflito de interesses e das relações sociais estabelecidas. Além disso, por tratar-se de uma pesquisa sócio-espacial não é colocado um objeto de estudo sobre o outro, mas sim busca-se considerar ambos como sendo fundamentais para a análise da distribuição docente a ser realizada.



Por fim, é possível constatar que é viável uma aproximação do campo geográfico com a formação de professores e o trabalho docente e que essa associação é benéfica para compreender alguns movimentos da educação tanto em escalas locais como em escalas mais amplas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, ano 1, n. 1, p. 7-13, 1999.
- SAQUET, Marcos Aurelio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade\*. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, 2007.
- SILVA, Carla Holanda. Território: uma combinação de enfoques - material, simbólico e espaço de ação social. **Geografar**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 98-115, 2009.
- SOUZA, Marcelo Lopes. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. 5<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2020.
- TURRA NETO, Nécio. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, Niterói, v. 1, n. 5, p. 52-59, 2015.